



Cogitare Enfermagem

ISSN: 1414-8536

cogitare@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná
Brasil

Andres Felli, Vanda Elisa
A NECESSIDADE DE MONITORAMENTO DA SAÚDE DO TRABALHADOR DE
ENFERMAGEM

Cogitare Enfermagem, vol. 18, núm. 3, julio-septiembre, 2013, p. 429

Universidade Federal do Paraná
Curitiba - Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483649281001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^oalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A NECESSIDADE DE MONITORAMENTO DA SAÚDE DO TRABALHADOR DE ENFERMAGEM

Vanda Elisa Andres Felli¹

A partir da década de 1970 vem sendo incrementada a produção de conhecimento sobre o objeto de estudo Saúde do Trabalhador de Enfermagem.

Os primeiros estudos diagnosticaram, principalmente, a incidência/prevalência dos acidentes de trabalho com essa população, assim como os diferentes tipos de acidentes e riscos ocupacionais a que os trabalhadores de enfermagem estão expostos. Naquele momento, por um lado, foram identificadas as altas frequências dos acidentes de trabalho e a sua caracterização; a ênfase foi aos acidentes com materiais perfurocortantes. Os estudos realizados decepcionam ao não conseguirem captar doenças como hepatites e tuberculose, as quais não eram, sequer, consideradas como relacionadas ao trabalho, ou dificilmente era comprovada essa relação. Além desses agravos, nem mesmo as tão frequentes lombalgias foram relacionadas ao trabalho em enfermagem.

Estudos subsequentes focaram outros problemas de saúde, mostrando que apesar de legalmente não serem considerados como adquiridos no trabalho, a análise das condições de trabalho e a alta frequência dos problemas de saúde e, ainda, os índices de comparação com outros trabalhadores, por si só, evidenciaram essa relação. Dentre esses, estresse, síndrome de Burnout, relação sofrimento-prazer, satisfação-insatisfação no trabalho, exposição ao vírus da imunodeficiência humana, e estratégias de proteção. Também, nessa fase, os estudos analisaram a relação entre o trabalho e a saúde dos trabalhadores, buscando seus determinantes. Ou seja, o quanto a geração de valor, concretizada nesse processo de trabalho, expõe os trabalhadores às diferentes cargas de trabalho e aos seus subsequentes desgastes, geradores de perfis de morbidade característicos. Nessa perspectiva, os estudos proporcionaram maior visibilidade dos problemas de saúde como pertencentes ao coletivo dos trabalhadores e, não mais, processos individuais; avançando, portanto, do biológico ao social.

Atualmente, os estudos identificam mudanças no perfil de morbidade dos trabalhadores de enfermagem, entre essas, os distúrbios musculoesqueléticos e os transtornos mentais e comportamentais, como depressão, transtornos de ansiedade e bipolares, entre outros. Esse perfil decorre das mudanças dos processos produtivos, da intensificação e da piora das condições de trabalho. No entanto, também apontam que as medidas preventivas não foram, ou foram pouco resolutivas, para os problemas de saúde anteriormente apontados.

Assim, a incidência de acidentes com exposição a fluidos corpóreos parece ter diminuído o que não se pode afirmar porque esses são pouco notificados; as doenças infecciosas, da mesma forma, não são integralmente notificadas e, quando o são, os afastamentos se dão por licença médica e não por acidente de trabalho, descaracterizando a relação de subordinação entre o trabalho e os problemas de saúde do trabalhador. Nessa situação, existe um comprometimento ético que desrespeita o trabalhador nos direitos de cidadão – o direito à saúde.

Evidencia-se, portanto, a coexistência de problemas de saúde, antigos e atuais, que são incrementados à medida que não são implantadas medidas resolutivas.

Nesse contexto, o conhecimento gerado permite apreender que o diagnóstico já existe – os problemas de saúde dos trabalhadores de enfermagem são conhecidos. Agora, é necessário haver intervenção e avaliação. Muitas propostas já foram feitas, porém poucas foram executadas, e quase nenhuma foi avaliada; isto porque ainda são incipientes estudos que propõe a avaliação das medidas preventivas introduzidas. Nesse cenário, a tecnologia pode favorecer tanto para a avaliação, como para o monitoramento contínuo da saúde do trabalhador de enfermagem.

Apesar da emergência, poucas experiências têm sido levadas a termo. Uma dessas propostas é o Sistema de Monitoramento da Saúde do Trabalhador de Enfermagem – SIMOSTE, o qual foi desenvolvido, implementado e avaliado pelo grupo de pesquisa Estudos Sobre a Saúde do Trabalhador de Enfermagem (CNPq). O SIMOSTE capta os determinantes da saúde e suas consequências, transformando dados em indicadores, com vistas a monitorar a saúde do trabalhador, mediante a operacionalização de estratégias preventivas para a melhoria de suas condições de saúde. Este Sistema de Monitoramento é utilizado em diferentes regiões brasileiras e seus resultados mostram o quanto a inovação tecnológica pode ser usada a favor do trabalhador. Para tanto, é necessária a vontade política de realizar as mudanças prementes.

¹Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Orientação Profissional da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Saúde do Trabalhador de Enfermagem.